

Real

Lynda Waterhouse

## Soul Love

À noite o céu é perfeito!

**GM**  
MELHORAMENTOS

*Para minha alma gêmea, D. H*

## AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Alishia, que ouviu esta história, me fez sugestões e me deu grande apoio. Agradeço também a James, que me apresentou à música *anti-folk*, e a The Base e Teen Spirit – Body & Soul ([www.bodyandsoulcharity.org](http://www.bodyandsoulcharity.org)).

## A AUTORA

**Lynda Waterhouse** mora em Elephant and Castle, na região sul de Londres. Seus *hobbies* incluem faltar às aulas de aeróbica, assistir filmes mudos e ouvir música *anti-folk*.

## Prólogo

Noite quente de verão. Para ser exata, estamos no primeiro sábado do mês de agosto. As estrelas nunca brilharam tanto. Estou sentada na janela do meu quarto, admirando esse espetáculo deslumbrante e pensando nas coisas que me aconteceram naquele verão.

Eu era outra Jenna Hudson.

A lembrança dói. Meu cérebro tenta descobrir onde fica exatamente a dor, mas logo desiste, porque tudo dói.

Estou cansada de viver como se já fosse uma pessoa adulta e madura. Gostaria de voltar a ser criança – uma garotinha de seis anos que caiu da bicicleta.

Gostaria de fazer cara de choro e correr aos berros para a cozinha, onde minha mãe me ergueria do chão, me daria um forte abraço e beijaria meu joelho esfolado. Eu pararia de chorar e tomaria leite com chocolate para a dor passar. Essa é uma das coisas que as pessoas não nos ensinam quando falam de crescer: como lidar com as dores que não passam com um beijo.

## Capítulo Um

Dei um suspiro de alívio quando o carro entrou na estrada que levava à casa de tia Sarah. Como eu e mamãe não estávamos nos falando quando saímos de Londres, eu não imaginava para onde ela ia me despachar. A julgar por seu mau humor, ela seria bem capaz de me comprar um bilhete só de ida para um desses acampamentos onde a gente passa as férias de verão usando um uniforme verde-oliva e dizendo sem parar: “Sim, senhor! Não, senhor!”.

- Não posso ficar com você, Jenna – disse mamãe com frieza, enquanto abria o porta-malas e punha minhas coisas na calçada. – Marcus fica inquieto quando demoro a voltar.

Mal suspirei. Eu não estava disposta a quebrar meu voto de silêncio. Estava furiosa com mamãe. Ela sempre se preocupava mais com meu irmãozinho de oito anos do que comigo. Fiz cara de ironia e continuei no carro, enquanto ela se dirigia para a casa de tia Sarah.

De costas, mamãe podia ser confundida com uma garota. Eu ficava admirada com isso. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo, e ela usava sandálias de salto baixo. De frente, porém, a coisa mudava de figura. E tudo culpa minha. Ela dizia que meu comportamento nos últimos meses a envelhecera dez anos.

Pois ela devia era achar que tinha muita sorte. Quando a mãe de Tara Cowley descobriu que a filha fora reprovada de propósito nas provas, seus cabelos ficaram brancos da noite para o dia. O que eu tinha feito era bem pior do que ser reprovada, mas os cabelos castanho-escuros de mamãe continuavam intactos. Antes de deixarmos de nos falar, tudo o que minha mãe me dizia eram coisas do tipo:

- Jenna, como você pôde... – ou o clássico:

- Quando eu tinha a sua idade... – seguido da típica reclamação dos “pais modernos”:

- Você tem idéia de como foi difícil conseguir vaga para você na escola Coot’s Hill? Precisei comprar esta casa horrorosa só porque fica perto da escola!

Eu me sentia muito culpada por isso. É difícil conseguir matrícula nas boas

escolas de Londres.

Mamãe então começava a resmungar que talvez precisasse procurar uma escola da rede privada...

- Se é que alguma vai aceitar você!

Toda vez que ela dizia, pela milionésima vez:

- Jenna, quando eu tinha a sua idade...

Eu estourava:

- Mamãe, isso foi há muuuuuito tempo, quando garotas de quinze anos usavam aqueles calções cheios de babados até os joelhos e eram loucas por hóquei no gelo e bundas geladas!

Aí rolava uma briga feia e a gente parava de se falar.

Que mais eu podia fazer? Eu prometi a Mia que não contaria nada. Mamãe não vivia tentando enfiar na minha cabeça que era fundamental ter palavra? Ao sair de casa, percebi que Mia olhava para mim do outro lado da rua, na janela do seu quarto. Estava pronta para sair para a escola e me olhava fixamente. Desviei o olhar.

Pela janela do carro, eu não tirava os olhos de mamãe, enquanto ela conversava com Sarah. As duas se viraram e olharam para mim. Eu as encarei. Mamãe fechou a cara e Sarah deu um sorriso amarelo. Mamãe começou a falar animadamente, gesticulando muito. Claro que estava contando, com detalhes terríveis, a proeza de sua única filha ter conseguido ser expulsa de uma escola “tão boa”.

Na verdade, eu não fora expulsa. Para todos os efeitos, estava saindo duas semanas antes do fim do semestre, para “dar um tempo”. Mas a diretora, a prof<sup>a</sup> Kelly, já deixara bem claro que eu nunca mais voltaria a ser aceita na Coot’s Hill. A lembrança daquelas reuniões constrangedoras na sala da direção me dava calafrios. Então me afundei no meu assento, pois pelo menos ali, naquele momento, tudo era seguro e quentinho. Olhei pelo espelho retrovisor e me imaginei participando de um drama policial, diante de um oficial lendo minha descrição: “Solteira, branca, 1,60 m de altura, cabelos compridos castanhos avermelhados com mechas loiras, olhos verdes, nariz vermelho e úmido e lábios carnudos. Recusa-se a falar. É uma garota má”.

Claro que a história da “garota má” tinha outro lado. Parte de mim queria ceder e contar tudo a mamãe. A bem da verdade, ela tentara me fazer falar. Meu estômago revirava só de pensar no que eu fizera. Para ser franca, a desavença com mamãe não passava de uma cortina de fumaça. Significava que eu não precisaria falar com ela sobre aquilo. Ela chegou até a telefonar para papai e contar tudo a ele e a sua mulher. Várias vezes, cheguei bem perto de perder o controle e abrir o jogo. Mas Mia estava no meio do rolo. Eu não podia dedá-la! Mamãe vivia perguntando:

- Foi Mia quem a meteu nisso? – e repetia a mesma pergunta de mil maneiras diferentes.

Eu odiava o fato de ela imaginar que só outra criança podia ser culpada de um comportamento tão inesperado.

- Não sou mais criança. Sei muito bem tomar minhas próprias decisões – respondi nem sei quantas vezes. Eu tinha o direito de guardar meus segredos. Além do

mais, minha mãe estava chegando perigosamente perto da verdade.

Perdida em meus pensamentos, levei um susto quando mamãe escancarou a porta do carro:

- Vamos, Jenna, desça.

Desci o mais devagar que pude, enquanto ela e Sarah se despediam com um abraço.

Sarah era a irmã mais velha de mamãe, mas parecia mais jovem.

- Ela não tem de trabalhar, nem tem filhos para envelhecê-la – ouvi mamãe dizer certa vez, com uma pontinha de ressentimento na voz.

- Não quer mesmo ficar para um chá? – perguntou Sarah com seu jeito doce.

Mamãe deu que não com a cabeça:

- Estou cheia de coisas para fazer. Como algo na estrada mesmo. Jenna – disse ela olhando para o alto, sem me encarar -, deixei dinheiro com Sarah para os seus gastos.

Enfiei as mãos nos bolsos e dei de ombros. Quando o carro tomou a estrada, deu um tchau irônico e disse:

- Tchau, mamãe, também te amo!

E foi assim que me vi exilada na casa de tia Sarah. Só tinha duas coisas pela frente: passar um verão de cão e me mostrar profundamente grata quando Sua Majestade me permitisse voltar para outra escola em Londres.

## **Capítulo Dois**

Sarah morava num pequeno chalé avarandado, numa cidadezinha no fim do mundo chamada Little Netherby, no meio do nada. Um desses lugares freqüentados por gente velha em suas férias chatas, para os quais as mães costumam mandar filhas rebeldes, a fim de mantê-las longe da influência da cidade.

Ela vivia com o namorado, Kai, e sua gata, Tullulah.

Sarah e Kai tinham um sebo na cidadezinha ao lado, Greater Netherby. Os dois eram poetas e liam suas obras em festivais de poesia ou nas salas escuras e vazias dos esfumados bares da cidade. Mamãe, Mia e eu fomos a um desses recitais no verão passado, num “espaço alternativo” do sul de Londres. Os poemas de Sarah eram bem engraçados, mas ela os lia com uma voz tão baixa e com tantos tiques nervosos que dava a impressão de estar pedindo desculpas pelo que estava fazendo.

Os poemas de Kai eram tão ruins que davam dor de cabeça. Não passavam de um palavreado bombástico e interminável, cheio de tolices sobre corpos nus, odores humanos e sobre o poder da luxúria. As mulheres da idade de mamãe pareciam adorá-los, encantadas com a aparência de roqueiro de Kai e com sua suposta “capacidade de entender as mulheres”. Mia e eu começamos a rir e todos nos olharam feio. Mamãe disse que precisávamos nos comportar como “adultas”.

Foi o que bastou para a gente morrer de rir.

Coloquei minha bagagem no vestíbulo minúsculo e entrei no chalé. Tive a impressão de estar andando em uma dessas lojas onde se vende todo tipo de bugiganga. Não havia um centímetro de espaço livre. Pisquei várias vezes para enxergar melhor: montes de livros, caixas, pedaços de papel de parede e peças de cerâmica horrorosas brigavam por minha atenção.

- Kai não está, viajou para comprar livros – disse Sarah animadamente. Ela usava anéis em todos os dedos e centenas de pulseiras tilintavam em seus braços. Cada vez que se mexia, parecia um sino de vento num vendaval.

- Tudo bem com você? – perguntou, enquanto eu continuava no centro da sala, piscando feito uma doida.

Antes que eu pudesse responder, ela foi para a cozinha e começou a procurar xícaras, enquanto dizia:

- Quanto a você, não sei, mas eu estou louca por um café.

Resmunguei e me joguei num sofá empoeirado, disposta a ver tevê. Mas dei de cara com os olhos de uma grande gata preta sentada no espaço onde deveria estar a televisão. Piscamos uma para a outra, e ela saltou da mesinha, caiu com um baque surdo no meu colo e começou a ronronar.

Sarah voltou com duas grandes xícaras e começou a rir:

- Tallulah gostou de você para ronronar assim. Minha gata não se deixa impressionar facilmente: só vai onde quer e só faz o que lhe agrada. Muitas vezes vai comigo para a livraria.

Tomei um gole de café e fui direto ao ponto:

- Quanto tempo vou ficar aqui?

Sarah suspirou, antes de responder:

- O tempo das férias... para começar. Também é preciso resolver o problema da nova escola. Podemos tentar a Escola Comunitária de Netherby, se você quiser recomeçar a vida aqui.

Ela se sentou ao meu lado e fez uns afagos em Tallulah. Depois de um longo silêncio, continuou:

- Veja bem, Jenna, você já é bastante crescida para saber que não posso obrigá-la a nada. Não posso obrigá-la a contar o que aconteceu na escola, nem forçá-la a ficar aqui. Não mando em você, nem quero mandar. Pode ir embora quando quiser. Só peço que me comunique antes de qualquer decisão.

Isso me surpreendeu, porque durante a viagem, no carro com mamãe, eu vinha ensaiando um discurso do tipo: “Você não pode me obrigar a ficar aqui. Vou fugir. Você não pode me obrigar a fazer nada!”. Dito isso, eu planejava não abrir mais a boca, exatamente como vinha fazendo com mamãe. Ficaria calada até que Mia, como uma inesperada fada madrinha, viesse me libertar com a verdade.

Meu problema tinha inclusive um nome. Eu o encontrara num dicionário de mamãe sobre problemas dos adolescentes, que ela deixava de propósito na cozinha: “mutismo eletivo”. No meu caso, porém, acho que seria melhor falar em “mutismo seletivo”.

O discurso de Sarah me deixou sem fala. Tomei meu café e me permiti sentir-me um pouco melhor. Já que eu não podia escolher entre ficar ou não, o lugar já não parecia uma prisão.

- Posso usar o telefone? – perguntei (mamãe confiscara meu celular).

Sarah ficou um tempão agitando as pulseiras antes de dizer:

- Para falar a verdade, o telefone está cortado.

Por alguns momentos, achei aquilo ótimo. Significava um tempo longe da voz irritante de mamãe. Depois, aquilo me chateou. Sem tevê, sem telefone e sem amigos. Nada de diversão e uma eternidade para meditar. É! Talvez algum tempo num acampamento militar fosse melhor que isso.

## Capítulo Três

Na manhã seguinte, abri as cortinas e deu de cara com um corpo seminu em uma espreguiçadeira no quintal da casa vizinha. Afastei-me um pouco da janela e arrisquei mais uma olhada.

Vi claramente um torso musculoso com pequenos mamilos castanhos. A pele era surpreendentemente alva. Bem devagar, meus olhos acompanharam uma delicada linha de pêlos escuros que desciam do umbigo à cintura de jeans desbotado. Descendo mais, pararam nas formas que o jeans revelava, no rasgo em um dos joelhos e nos brancos dedos dos pés, que batiam ritmicamente na relva.

O rosto estava escondido pelo livro que ele lia. Fiquei ali parada, observando, esperando que ninguém me visse. De vem em quando, ele coçava o peito com uma das mãos ou enxotava uma mosca.

A porta se abriu de repente e eu pulei para longe da janela. Ninguém gosta de ser pego nessas situações, não é?

- Tallulah! – falei baixinho com um suspiro de alívio quando a gata entrou no quarto querendo atenção.

Quando olhei de novo, o garoto mudara de posição e, de costas para mim, vestia uma camiseta. Gostei do jeito como seu cabelo preto acompanhava a curva do pescoço.

Sorri quando Tallulah começou a me roçar com as patas, miando, irritada. Depois sorri novamente, porque sorrir me parecia estranho. Os meus únicos sorrisos nos últimos tempos eram aqueles inexpressivos e sem alegria, isso quando eu não ria muito alto para dizer “não estou nem aí!”, o que deixava meu rosto e meu coração em brasas.

Tallulah enroscou-se nas minhas pernas, esfregando a cabeça nos meus joelhos para ver se eu lhe dava atenção. Eu estava morta de fome. Ontem, mamãe estava furiosa demais para pensar em me alimentar. Eu sobrevivera à custa de barras de chocolate compradas em restaurantes de beira de estrada. À noite, eu me sentia muito cansada para aceitar o que tia Sarah servira, mas agora seria capaz de comer tudo o que houvesse na geladeira.

Olhei mais uma vez pela janela antes de ir para a cozinha. A espreguiçadeira tinha só um livro.

“Mas, Jenna, você não jurou que não teria mais nada com garotos durante pelo menos um ano?”, pensei. Gostar de garotos foi um fator determinante nas encencas em que Mia e eu nos metemos. Um garoto em particular, mas naquele momento eu não queria pensar em Jackson. Eu nem conseguia olhar para a foto dele, escondida no fundo da minha bolsa.

Encontrei Sarah muito à vontade na sala de estar. Ela me disse:

- Tome seu café da manhã.

A cozinha era um pouquinho menos empoeirada do que o resto da casa. Havia vários armários, um fogão engordurado e uma geladeira velha. Quando abri a porta da geladeira, ela fez um barulho estranho, estremeceu. Dentro dela, havia meio litro de leite e um pouco de iogurte, que mais parecia lodo. Minha fome de lobo desapareceu.

Havia uma grande prateleira cheia de livros de culinária, mas todos os outros

armários estavam vazios. Encontrei uma caixa de cereais e o leite não estava fedendo. Fui comer no quintal. A manhã estava linda e ensolarada, e não seria nada mal espiar o Garoto sarado de um ponto mais estratégico. O quintal também refletia o desleixo de Sarah. O que se via era um emaranhado de ervas daninhas com uma posta de carro enferrujada bem no meio. Sentei-me num banco de madeira manco.

- Que bagunça, não? – disse Sarah, sentando-se a meu lado.

“Sua vida ou o seu jardim?” – pensei, mas disse apenas:

- Kai não é ligado à questão do verde? Os poemas dele não são todos sobre a natureza?

Sarah começou a rir bem alto. Estranhei, porque aquele riso não parecia coisa dela. Parecia vir de uma pessoa que gargalha com deboche e vulgaridade, não de minha tia, tão sensível e tranqüila. Em seguida, ela respirou fundo e disse:

- Quer dizer que você pensou que Kai fosse um desses naturebas?

Horrorizada, observei aquela gargalhada transformar-se num rio de lágrimas, enquanto ela buscava refúgio em mim. Eu não sabia lidar com aquela situação, e então dei-lhe uns tapinhas nas costas como se ela fosse um grande bebê grotesco.

Depois de um silêncio constrangedor, ela disse:

- Kai me deixou.

Fiquei de novo sem ter o que dizer. Isso não era para estar acontecendo. O natural era que Sarah me apoiasse e orientasse. Eu não estava preparada para lidar com os problemas dela. A única coisa que vinha ocupando minha cabeça era tentar descobrir se o rosto do Garoto Sarado era tão bonito quanto seu corpo.

- Faz três semanas que ele me deixou. Disse que precisava de espaço criativo, que minha poesia era superada e sem graça e que se sentia um vegetal cada eu que eu me aproximava.

Fiz uma força enorme para não perguntar: “Cenoura ou abobrinha?”, mesmo sabendo que o momento não era para piadas. Seria muito difícil para Sarah perceber o lado engraçado da coisa, pois afinal ela fora insultada pelo homem que amava. Demonstrei solidariedade com um sussurro simpático.

Sarah assoou o nariz em um lenço que mais parecia um trapo e disse:

- Ele levou a tevê, o computador e quase todo o nosso dinheiro. O telefone foi cortado, e estou ficando louca só de imaginar onde é que ele pode estar.

Tentei demonstrar solidariedade com mais alguns sussurros, embora tivesse de admitir que parte de mim se sentia muito bem ao perceber que eu não era a única pessoa da família a ser rejeitada. Mãe vivia criticando minhas péssimas escolhas. E ninguém precisava ser Sherlock Holmes para descobrir que Kai não era confiável. Todos aqueles poemas sobre a busca de flores exóticas em florestas tropicais e a adoração de estátuas de deusas nuas não deixavam dúvida do tipo de pessoa que ele era.

Continuamos sentadas em silêncio. Tentei não fazer muito barulho ao mastigar meus cereais. De vez em quando, olhava para o jardim da casa ao lado. Concluí que não era o momento de perguntar quem morava ali.

Sarah assoou o nariz novamente:

- Não tivemos filhos porque ele disse que isso seria o fim de seu espírito criativo e que dirigir a Sarakai Books já era trampo bastante. Eu adoraria ter tido filhos.



Quase consegui convencê-lo uma vez, mas achei melhor respeitar sua criatividade. A arte de Kai vem em primeiro lugar...

Esmaguei os cereais que tinha na boca. O que dizer? Em toda a minha vida, nunca vira um adulto naquela situação. Meu cérebro dava voltas e mais voltas procurando o que dizer, até que me saí com esta:

- Ele tem outra?

Meu pai nos abandonou para ficar com sua assistente pessoal e depois acabou casando com uma bibliotecária chamada – não é piada! – Foxy. Foi muito difícil no começo, mas hoje mamãe e papai vivem felizes, cada um a seu modo. Temos duas ceias de Natal. Ninguém saiu perdendo. Sarah sorriu para mim:

- Não. Nada disso! Ele vai voltar. Ele nunca perde o Festival Netherby, onde sempre faz o maior sucesso.

- Que festival? – perguntei.

- Você não ouviu falar do Festival? Sobre o que minha irmã conversa com você? É simplesmente um dos melhores festivais alternativos mais famosos do país. Acontece em agosto, nos jardins do solar Netherby. É maravilhoso! Você precisa ir.

Disse qualquer coisa sem o menor entusiasmo. Eu não pretendia ficar tanto tempo ali. Esperava voltar para Londres dali a algumas semanas. Sarah levantou-se e esmurrou o ar:

- Estamos precisando de um pouco de ação! – disse em altos brados. – E para quando? AGORA!

Passamos o resto da manhã podando ervas daninhas. Depois de mais ou menos uma hora, perguntei “por acaso” quem eram as pessoas que viviam na casa ao lado.

- Tenho sorte com vizinhos. Este condomínio foi construído para operários, e por isso as casas são pequenas e geminadas. Seu Gordon mora naquele ali, mas só usa o chalé nos fins de semana. Evie Winthrope mora no outro lado, mas viajou para a África e alugou a casa para alguns estudantes passarem o verão: Freddie e Charlie. Eles são muito legais. A única coisa que levam a sério é sua música. Eles têm uma banda de música *anti-folk*.

Eu nem imaginava o que seria *anti-folk*, mas deu a entender que sabia muito bem do que se tratava. Fiquei imaginando qual dos dois eu tinha visto: Freddie ou Charlie? Queria me enturmar com eles durante o pouco tempo em que ficaria por ali naquele estranho verão.

Lá pelo meio-dia, o sol estava muito forte. Paramos de trabalhar.

- Tem algo mais que eu possa fazer? – perguntei. Sarah passou a mão pelos cabelos e disse:

Você poderia ir a Greater Netherby e abrir a loja para mim. O dinheiro para troco está escondido numa lata de balas sob o balcão, e todos os livros têm o preço marcado. Apareço lá mais tarde. Sábado é meu dia mais corrido – me passou um grande molho de chaves e explicou qual abria o quê.

Mamãe nunca me mandava fazer compras sem uma lista e instruções rigorosas para devolver cada centavo do troco. Sarah estava mesmo me pedindo para *tomar conta* da loja um dia todo?

Senti o peso das chaves em minha mão e não disse nada. Pelo menos, estava sendo levada a sério.

## Capítulo Quatro

Greater Netherby ficava a mais ou menos dez minutos de caminhada de Little Netherby. Ali só havia um brechó beneficente, uma lanchonete, uma farmácia, um salão de beleza e o sebo, que ficava na esquina da parte mais baixa da rua e tinha uma pequena tabuleta onde se lia: *Sebo Sarakai*. Era tão, mas tão pequena, que bastava piscar para perdê-la de vista.

Tentei descobrir quais eram as chaves certas, procurando lembrar as instruções de Sarah. Enquanto tentava abrir a porta, senti uma sensação desagradável na nuca, como se cem pares de olhos me observassem. A cortina do salão de beleza, que ficava do outro lado da rua, fez um movimento brusco, e duas velhas senhoras saíram do brechó beneficente, me espiaram longamente e deram meia-volta. Bem diferente de Londres, onde ninguém se interessa pelo que você faz. Em Greater Netherby, uma estranha abrindo um sebo era uma novidade quentíssima.

Afastei um calço para conseguir entrar. A loja era muito maior do que parecia por fora. Havia um balcão à esquerda da entrada, e atrás ficava um pequeno espaço que funcionava como escritório. Do outro lado do balcão, a loja se transformava numa floresta de prateleiras que parecia estender-se por quilômetros. Ao lado de uma das estantes, ficava um armário. O lugar era tão empoeirado que, em comparação, fazia o chalé de Sarah parecer um centro cirúrgico. Comecei a tossir. Aquele não era um lugar onde quem tem alergia a pó ou nervos delicados pudesse trabalhar. As prateleiras mal pregadas rangiam sob o peso dos livros. Dava a impressão de que bastaria um movimento em falso ou um espirro para tudo desabar.

O único objeto sem poeira era um pôster novinho, que anunciava o Festival Netherby em agosto. Dei uma olhada e vi que umas bandas bem legais viriam tocar.

Quando fui procurar o dinheiro para troco encontrei uma caixa com discos velhos na qual estava escrito: *Propriedade pessoal de Kai. VENDA PROIBIDA*. Dei um chute na caixa. Como ele se atrevia a dizer que se sentia um vegetal sempre que Sarah se aproximava?! Isso era ridículo, partindo de um homem que se transformava num sapo lascivo sempre que qualquer coisa remotamente feminina chegava perto dele.

Recolhi uma montanha de correspondência e dei uma olhada no escritório. Bastou um único olhar para ver tudo. Havia uma caixa registradora, um computador velho, um rádio em péssimo estado e uma cadeira aos pedaços sobre a qual ficava uma almofada de veludo cheia de pêlo de gato. Havia ainda um velho telefone que não dava linha. O rádio, pelo menos, funcionava. Liguei-o e procurei uma estação que tocasse *rythm-and-blues*. Tirei a almofada da cadeira, sentei e comecei a girar ao ritmo da música. Ao girar pela segunda vez, dei de cara com um par de costeletas brancas e olhos lacrimosos olhando para mim.

- Você é nova por aqui – disse seu Costeletas. Sem pensar, respondi:

- E você, antigo.

Ele explodiu numa gargalhada e disse:

- *Touché!* – em seguida, levantou a mão:

- Julius Lawrence, a seu dispor! Todos me chamam de Julius.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

